
[Texto Anterior](#) | [Próximo Texto](#) | [Índice](#)**FABIO GIAMBIAGI**

O Ipea e as instituições

Com esforço e investimento, com seus erros e acertos, o boletim do Ipea sempre teve credibilidade e reputação

A DIREÇÃO do Ipea tomou, por ocasião da divulgação da Carta de Conjuntura de junho, a decisão de não mais divulgar sistematicamente as projeções, abandonando uma prática adotada desde os anos 80. Embora eu tenha sido o coordenador de Conjuntura durante quatro anos, sinto-me à vontade para defender o que foi feito até agora, porque isso era mérito não do coordenador A ou B, e sim de um esforço institucional de quase três décadas, desde o início das primeiras reuniões trimestrais de conjuntura, ainda no governo militar, cujo desdobramento foi a criação do Grupo de Acompanhamento Conjuntural no ano de 1987. A atual direção do Ipea age como se a instituição fosse propriedade privada dela e pudesse acabar de uma penada com aquilo que antes fora erguido ao longo de anos. Em 2007, o Boletim de Conjuntura era, de longe, a publicação mais acessada do site do Ipea.

Com seus erros e acertos, havia aí uma credibilidade e uma reputação construídas com muito esforço e investimento institucional. Por ocasião da decisão, uma das autoridades do Ipea declarou que "não somos gestores de política econômica nem operadores do mercado financeiro para nos preocuparmos com as projeções" ("O Globo", 27/6/ 2008). A frase, além de ofensiva, é reveladora de uma posição insólita em um administrador público em relação às pessoas que ele comanda. Isso porque as posições do Grupo de Conjuntura foram sempre fruto de discussões do grupo como um todo, cujos componentes continuaram trabalhando no Ipea sob a gestão atual. Ao longo dos anos, nenhum número ou editorial do boletim foi fruto da vontade unilateral do seu coordenador ou do diretor responsável. Tudo era discutido previamente com o grupo. Insinuar, como ele fez, que divulgar projeções indicaria algum tipo de relação entre o Grupo de Conjuntura e o mercado financeiro é uma agressão aos seus atuais subordinados, que tinham participado da elaboração do boletim nos anos anteriores.

Cabe ressaltar, porém, que, na mesma entrevista, a mesma autoridade se encarregou de declarar explicitamente que "a taxa de juros é exorbitante". Ora, ou bem o Ipea trata do curto prazo -em cujo caso não havia razão para acabar com as projeções- ou ele se dedica exclusivamente a temas de longo prazo -e, nesse caso, não cabe aos dirigentes do instituto opinar se as taxas de juros são "exorbitantes" ou não.

Embora o assunto seja grave, é impossível não tratar com certo humor a opinião do coordenador do grupo, que, na mesma reportagem, explicando a decisão tomada em nome de "não alimentar as projeções de inflação", declarou que a publicação dos números "vira uma profecia auto-realizadora". A conclusão lógica é que ele julga que a inflação no Brasil era causada pelas projeções do Ipea, o que é um caso de megalomania institucional. Diga-se de passagem, que foi com esse tipo de filosofia que na Argentina se fez a intervenção no Indec (o IBGE vizinho), no pressuposto de que a inflação era causada pelo índice de preços.

Quando a inflação estava abaixo da meta e as autoridades do Ipea atacavam o Banco Central, o fato era visto como expressão do caráter macunaímico do país, capaz de abrigar, no mesmo governo, pólos antagônicos de pensamento. Agora que a inflação está aumentando perigosamente, o país corre dois riscos. O primeiro é que, em momentos em que o BC deve ser fortalecido para debelar a inflação que ameaça as conquistas recentes do governo e do país, o Ipea se torne um bunker de franco-atiradores contra a política monetária. Que a oposição ataque o BC, faz parte do script em qualquer país. Entretanto, que autoridades venham a público dizer que "o problema é o BC", quando a rigor a inflação ameaça ficar acima do teto, é um problema, pois pode gerar a interpretação de que o governo não considera o combate à inflação como uma prioridade.

O segundo risco é o oposto: que as autoridades do instituto continuem se manifestando contra a política monetária -e não ocorra rigorosamente nada. Nesse caso, o Ipea deixará de ser uma referência, como foi durante mais de 40 anos. Para ele, é o pior cenário: o de se tornar irrelevante. Se isso ocorrer e o esvaziamento em curso se prolongar -basta ver a lista dos técnicos que saíram da entidade nos últimos oito meses e comparar a média mensal de Textos para Discussão publicados até 2007 com a dos últimos meses-, a história do Ipea se dividirá em um "antes" e um "depois" da passagem dos atuais gestores pela instituição.

FABIO GIAMBIAGI, 46, mestre em economia pela UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), é economista do BNDES e autor do livro "Finanças Públicas: Teoria e Prática no Brasil", entre outras obras.

Hoje, excepcionalmente, a coluna de JOSÉ ALEXANDRE SCHEINKMAN não é publicada.

Texto Anterior: [Frase](#)

Próximo Texto: [Vinicius Torres Freire: A banca fala da](#)

bancarota
Índice

Copyright Empresa Folha da Manhã S/A. Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução do conteúdo desta página em qualquer meio de comunicação, eletrônico ou impresso, sem autorização escrita da [Folhapress](#).